

Um olhar Sociofuncionalista no estudo da estratificação/variação das orações completivas e parentéticas

A Sociofunctionalist look at the study of stratification/variation of completive and parenthetical clauses

Una mirada Sociofuncionalista en el estudio de la estratificación/variación de las oraciones completivas y parentéticas

Vânia Raquel Santos Amorim

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
quelva@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4339-6768>

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
valeriavianasousa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>

RESUMO

Neste trabalho, temos o objetivo de investigar a variação do subjuntivo em orações parentéticas iniciadas pelo *que* e em orações completivas introduzidas pelo complementizador *que*, ancorado na abordagem Sociofuncionalista. A amostra foi extraída de 24 informantes do *Corpus* Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC). No estudo quantitativo, referente aos fatores linguísticos, o grupo de fatores *tipo de oração* indicou maiores índices do subjuntivo em orações completivas. Também, o subjuntivo foi favorecido através do valor semântico do verbo da oração matriz e pela estrutura da assertividade da oração. Concernente aos fatores extralinguísticos, os dados revelam que a variante padrão concentra-se no sexo feminino e naqueles informantes que foram

* Sobre as autoras ver páginas 331-232.



inseridos no ensino sistematizado/formal. Em termos gerais, o resultado desta pesquisa, do ponto de vista sociolinguístico, sinaliza uma variação estável e, do ponto de vista funcionalista, indica um processo de Gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: Estratificação/Variação; Modalidade; Subjuntivo. Indicativo; Gramaticalização.

ABSTRACT

*In this work, we aim to investigate the variation of the subjunctive in parenthetical clauses initiated by *que* and in completive clauses introduced by the complementizer *que*, anchored in the Sociofunctionalist approach. The sample was extracted from 24 informants of the Corpus Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC). In the quantitative study, regarding the linguistic factors, the group of factors 'clause type' indicated higher subjunctive indices in completive clauses. Besides, the subjunctive was favored through the semantic value of the verb of the matrix clause and by the structure of the clause's assertiveness. Concerning extralinguistic factors, the data reveal that the standard variant is concentrated in the female gender and in those informants who had a systematized/formal education. In general terms, the result of this research, from the sociolinguistic point of view, indicates a stable variation and, from the functionalist point of view, a process of Grammaticalization.*

KEYWORDS: Stratification/Variation; Modality. Subjunctive; Indicative; Grammaticalization.

RESUMEN

*En este trabajo, tenemos como objetivo investigar la variación del subjuntivo en oraciones parentéticas iniciadas por *que* y en oraciones completivas introducidas por el complementador *que*, anclado en el abordaje Sociofuncionalista. La muestra fue extraída de 24 informantes del Corpus Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC). En el estudio cuantitativo, referente a los factores lingüísticos, el grupo de factores tipo de oración indicó mayores índices de subjuntivo en oraciones completivas. Asimismo, el subjuntivo fue favorecido a través del valor semántico del verbo de la oración matriz y por la estructura del asertividad de la oración. Concerniente a los factores extralingüísticos, los datos revelan que la variante estándar se concentra en el sexo femenino y en los informantes que fueron inseridos en la enseñanza sistematizada/formal. En términos generales, el resultado de esta investigación, del punto de vista sociolingüístico, señala una variación estable y, del punto de vista funcionalista, indica un proceso de Gramaticalización.*

PALABRAS CLAVE: Estratificación/Variación; Modalidad; Subjuntivo; Indicativo; Gramaticalización.

1 Introdução

Este trabalho é direcionado pela visão de que as línguas estão em um processo contínuo de variação e mudança linguística e de que a gramática é emergente e passível de ser modelada e remodelada a partir das necessidades

comunicativas dos falantes. Para compreender essa gramática emergente e esse processo de variação e mudança no sistema linguístico, buscamos entender quais os fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na língua influenciam a variação do modo subjuntivo por seus usuários.

Devido, muitas vezes, à supervalorização dos postulados canônicos, ficam, então, as lacunas de uma descrição do vernáculo em uso. Pensando nessa falta de unidade presente entre o uso real e o uso (tido como) ideal da língua, nos valores nocionais impostos e nos limites da Gramática Normativa em relação ao estudo atual da língua, propomo-nos a investigar a concomitância entre os modos subjuntivo e indicativo na língua em uso pelos falantes. Acreditamos que este estudo trará relevantes contribuições para a compreensão da realidade linguística da comunidade de fala de Vitória da Conquista no que tange ao uso do modo subjuntivo.

O interesse em analisar a variação do modo subjuntivo se justifica pelo fato de nos depararmos com o seguinte impasse: na Tradição Gramatical, não há uma descrição teórica satisfatória do emprego do subjuntivo para explicar a sua alternância pela forma indicativa no uso real da língua. Diante dessa problemática, assim como Vieira (2007), buscamos responder a seguinte questão-problema: Partindo do pressuposto de que ocorra alternância entre formas do subjuntivo e do indicativo, realizadas pelos usuários da língua em situações em que a Gramática Normativa não preconiza, perguntamo-nos quais fatores influenciam tal fenômeno na comunidade de fala de Vitória da Conquista.

Alicerçados nas pesquisas registradas na Literatura Linguística (BIANCHET, 1996; GALEMBECK, 1999; ALVES NETA, 2006; MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007; VIEIRA, 2007; ALVES, 2009; PIMPÃO, 2012; LIMA, 2012), levantamos a seguinte hipótese: O uso do modo subjuntivo, na fala da comunidade conquistense, está passando por um processo de Gramaticalização, e a concomitância entre as formas do indicativo e subjuntivo, em contexto em que a Gramática Tradicional determina o modo subjuntivo, está relacionada a fatores de ordem linguística (estrutural) e de ordem extralinguística (social).

Do ponto de vista linguístico, hipotetizamos que: (i) a variação do modo subjuntivo, em orações completivas, está condicionada à força modal do verbo que se encontra na oração matriz; (ii) o tipo de modalidade, o tipo de oração, a estrutura da assertividade da oração, o tempo verbal da oração principal e da oração completiva e a pessoa do verbo da oração matriz são fatores que condicionam à seleção do modo verbal na estrutura de complementação.

Do ponto de vista extralinguístico, hipotetizamos que: (i) com relação ao sexo, os informantes do sexo feminino usam mais a forma subjuntiva do que os informantes do sexo masculino; (ii) referente à faixa etária, os informantes da faixa etária I utilizam mais a forma inovadora do que os informantes das faixas II e III; (iii) concernente ao grau de escolaridade, os

informantes com alguma escolaridade, ainda que precária, fazem uso do subjuntivo de forma mais recorrente do que os informantes que não tiveram nenhuma escolaridade.

A fim de validarmos essas hipóteses, traçamos o objetivo central de investigar evidências da variabilidade do modo subjuntivo em orações parentéticas iniciadas pelo *que* e em orações completivas introduzidas pelo complementizador *que* no Português falado na comunidade conquistense. Os objetivos específicos são: (i) analisar os contextos favoráveis à alternância dos modos subjuntivo e indicativo no *Corpus* Popular de Vitória da Conquista (doravante *Corpus* PPVC) em orações completivas introduzidas pelo complementizador *que* e em orações parentéticas iniciadas pelo *que*; (ii) analisar de forma qualitativa e quantitativa a alternância do modo presente do subjuntivo/indicativo, levando em conta fatores de ordem estrutural e social e considerando a teoria Sociofuncionalista.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: nesta seção, apresentamos as hipóteses e objetivos do trabalho. Na seção 2, abordamos a respeito do tratamento do subjuntivo na Tradição Gramatical. Na seção 3, ocupamo-nos em explanar as categorias modo e modalidade. Na seção 4, dedicamo-nos à associação dos postulados da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização, denominada de Sociofuncionalismo. Na seção 5, tratamos dos procedimentos metodológicos. Na seção 6, apresentamos as discussões dos resultados da pesquisa referentes à amostra de fala do *Corpus* PPVC, considerando os resultados percentuais e probabilísticos apontados pelo programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas. Por fim, encerramos o trabalho com as *Considerações Finais* em que sintetizamos as discussões e resultados da pesquisa, seguidas das referências.

2 O modo subjuntivo e indicativo sob o olhar da Tradição Gramatical

De um modo geral, na Tradição Gramatical, os modos subjuntivo e indicativo estão relacionados, respectivamente, ao binômio incerteza e certeza do fato veiculado. (CUNHA; CINTRA, 2001; BECHARA, 2004; ALMEIDA, 2009).

O modo indicativo faz referência a fatos reais e verossímeis. Almeida (2009, p. 225) explicita que, nesse modo verbal, a ação que o verbo exerce, expressa algo real “quer o juízo seja afirmativo, quer seja negativo, quer interrogativo *não irás?, não irei, vejo, vi.*”

Já no modo subjuntivo, a enunciação expressa dúvida (*talvez dance*). Nesse modo verbal, o verbo terá sentido quando subordinado a outro verbo. Isso pode ser explicado pelo fato do verbo da oração matriz possibilitar a compreensão da construção, pois, se for pronunciado somente *venhas*, não haverá um entendimento absoluto. Diferentemente, quando se pronuncia

quero que venhas, fica evidente que há uma dependência do verbo contido na cláusula matriz para que se construa o sentido de *venhas*. A esse fato, Almeida (2009) justifica que a conceptualização *modo subjuntivo* se deu assim por constituir o “modo que se subordina a outro”.

2.1 A subordinação

A subordinação, ou ainda chamada de *hipotaxe* por Bechara (2004), é a relação de termos dependentes ou orações dependentes no interior de um período. Na subordinação, há um termo denominado de oração principal¹ pela Tradição Gramatical (conhecido também como *regente* ou *subordinante*) e um termo subordinado (denominado também de *regido* ou *dependente*).

Nossa pesquisa centra-se na análise das orações subordinadas substantivas, que são assim denominadas pela Tradição Gramatical por exercerem as funções que são desempenhadas pelos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, complemento nominal, aposto e predicativo). Geralmente, essas orações vêm introduzidas pela conjunção integrante *que*.

Segundo Mira Mateus et al (2003), nesse contexto sintático de oração completiva, a seleção dos modos subjuntivo e indicativo está relacionada às seguintes regras:

1. Em relação ao modo subjuntivo, (i) as orações subordinadas estão relacionadas às categorias do núcleo que as seleciona; (ii) quando é argumento externo de verbo psicológico: argumentos internos direto de verbos causativos, de verbos volitivos e optativos, de verbos psicológicos factivos e de verbos declarativos de ordem; (iii) seguidas de preposição.

2. Concernente ao modo indicativo, (i) geralmente, será empregado nas proposições que vão completar o sentido dos verbos como: *crer* (em sentido afirmativo), *afirmar*, *comprovar*, *compreender*, *verificar*, *ver*, *pensar*, *dizer* (CUNHA; CINTRA, 2001); (ii) quando “selecionado por verbos superiores inacusativos, declarativos, epistêmicos, perceptivos e de inquirição” (MIRA MATEUS et al, 2003, p. 599) e nas orações completivas preposicionadas que são selecionadas “por verbos psicológicos não emotivos.”

Salientamos que, apesar de Mira Mateus et al (2003) registrarem o fato de que os verbos epistêmicos na oração matriz exigem o emprego da forma indicativa na subordinada, Almeida (2009) mostra os seguintes contextos que devem ser empregadas as formas subjuntivas nas subordinadas, contextos esses que adotaremos na escolha dos dados para a análise: (i) em oração que,

¹ Neste trabalho, oração nuclear, matriz, frase superior são utilizadas como equivalentes à oração principal.

sempre ao expressar eventualidade, está subordinada a uma oração matriz negativa: “Não acredito que você vá” (ALMEIDA, 2009, p. 568); (ii) em subordinada que exprime um fato que não se concretizou no passado em relação ao expresso na matriz (suposição que implica o contrário): “Achei que você possuísse recursos para isso (mas não possuía)” (ALMEIDA, 2009, p. 568).

Rompendo com os postulados impostos pela Gramática Normativa, temos excertos de fala com o uso de formas indicativas em contexto de subjuntivo.

- (1) [...] Não, num fico mais de jeito nenhum aqui, que suas coisa sumiu lá no norte você tá querendo que eu DÔ conta aqui... (M.J.R.S).
 (2) Aí eu falei: “Mãe, a senhora também nem qué que eu ESTUDO (E.L.C)

Nesses dados de fala, ficam evidenciados que o uso do modo indicativo substitui o valor nocional que é próprio do subjuntivo. Esses exemplos demonstram que a relação aos polos contrários - certeza e incerteza -, respectivamente relacionados aos modos indicativo e subjuntivo impostos pelas Gramáticas Normativas, tem sido questionada por diversos autores, tendo em vista que valores inerentes ao subjuntivo podem ser encontrados em outras formas linguísticas (CÂMARA JR, 1979; KURY, 1964; PERINI, 1998).

A respeito da discussão do modo subjuntivo, Perini (1998) considera que a distinção entre “certeza” e “incerteza” não desempenha um papel fundamental para determinar o emprego do modo subjuntivo e do modo indicativo. E, para fundamentar esse argumento, apresenta os seguintes exemplos: “1) Tenho certeza que Selma fuma cachimbo. 2) É trágico que Selma fume cachimbo” (PERINI, 1998, p. 258).

Nesses casos, o falante expressa através do verbo, a certeza de que Selma fuma cachimbo. Mesmo que, na primeira oração, a certeza seja afirmada e, na segunda, pressuposta, em ambos os exemplos está presente à atitude de certeza expressa tanto no modo indicativo quanto no modo subjuntivo.

Diante do exposto, é difícil compreender essa fluidez na Tradição Gramatical quando nos deparamos com esses exemplos supramencionados, em que é evidenciado o traço de incerteza inerente ao subjuntivo para outros contextos linguísticos e, também, presente em dados de fala do *Corpus* PPVC.

2.2 O modo verbal das orações parentéticas

Almeida (2009) registra que, nas orações parentéticas iniciadas pelo *que*, denominadas por ele de intercaladas, emprega-se o modo subjuntivo quando é tomado substantivamente limitando uma possibilidade: “Ninguém, que eu SAIBA, entrou aqui (pelo que eu sei, segundo o que eu sei) - Que me

lembre, ele não disse isso (pelo que me lembro) - Que me conste, ele não quer ir.” (ALMEIDA, 2009, p. 556).

Quando as orações parentéticas restringem a generalidade de um asserto, utiliza-se o verbo no modo subjuntivo: “Não há, que eu saiba, expressão mais suave.” (BECHARA, 2004, p. 283).

Excertos do *Corpus* PPVC vão de encontro a essas regras quando evidenciamos o uso do indicativo nas orações intercaladas. Observemos os exemplos seguintes:

(3) Não, que eu LEMBRO, num tem nada (J.C.S).

(4) Que eu ALEMBRO, num alembro não (E.F.O).

Nos dados de fala supramencionados, o verbo factivo *lembrar* é usado na forma indicativa em contexto de subjuntivo, mas o seu valor intrínseco tem a mesma função exercida pelo subjuntivo que é a de implicar incerteza do fato veiculado.

3 O modo e a modalidade no estudo do subjuntivo

Em Almeida (2009), o “*modo* na conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por esse verbo.” (ALMEIDA, 2009, p. 225). Na presente pesquisa, tomamos como base o conceito de modalidade na visão givoniana, entendida, então, como a atitude do interlocutor referente à proposição epistêmica² - “verdade, probabilidade, certeza, convicção, evidência” (GIVÓN, 2001, p. 300) e deontica³ “desejo, preferência, intento, habilidade, obrigação, manipulação” (GIVÓN, 2001, p. 300).

A divisão bipartida da modalidade *irrealis* nos domínios epistêmico e deontico é campo de nosso maior interesse, porque, baseados nas afirmações de Givón (2001), o modo subjuntivo tem maior domínio de realização quando ocupa os dois *loci* distintos – epistêmico/deontico.

Segundo o autor, o submodo epistêmico associa-se ao eixo semântico de verbos de baixa certeza e o submodo deontico relaciona-se ao escopo de verbos de fraca manipulação. A integração entre a oração nuclear e a oração adjacente depende, assim, das propriedades inerentes do valor semântico do verbo da matriz. Nesse sentido, Givón (1990) diz que “Quanto mais forte o encaixe semântico entre dois eventos, maior a integração sintática das duas proposições em uma única cláusula”⁴ (GIVÓN, 1990, p. 516). Sendo assim, o

² Cf. (GIVÓN, 2001, p. 300): “Epistemic judgement: truth, probability, certainty, belief, evidence.”

³ Cf. (GIVÓN, 2001, p. 300); Evaluative (‘deontic’) judgement: desirability, preference, intent, ability, obligation, manipulation.

⁴ Cf. (GIVÓN, 1990, p. 516): The stronger the semantic bond is between the two events, the more intimately is the syntactic integration of the two propositions into a single clause.

valor semântico do verbo da matriz exerce influência na conexão sintática entre as cláusulas.

4 Pressupostos teóricos

Nesta seção, apresentamos os possíveis diálogos entre os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização recebendo a denominação de Sociofuncionalismo.

Revisitando os postulados dessas abordagens, temos que, no escopo teórico da Sociolinguística Variacionista, a variação da língua é inerente ao sistema linguístico (CAMACHO, 2001) e, pelo fato de ser dotada de dinamicidade, é heterogênea. (MOLLICA, 2007). Essa concepção de língua dinâmica e não estática, característica que condiciona, então, à variação ou à mudança no sistema linguístico, também está na visão do Funcionalismo quando Givón (2011) afirma que a língua muda continuamente.

No escopo da Sociolinguística, “se estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala.” (MOLLICA, 2007, p. 9) Semelhantemente, a teoria Funcionalista busca explicar “as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.” (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2003, p. 29).

Outro princípio preconizado em ambas as teorias parte do pressuposto de que há uma convergência na relação que se faz entre as realizações da língua, isto é, os fenômenos linguísticos, e a sociedade que faz uso dessa língua são elementos relacionados.

Tavares (2003) exprime que um ponto conciliável entre as teorias se centra no fato de a mudança linguística ocupar uma posição de destaque e ser compreendida como um fenômeno contínuo e gradual.

Ainda sobre a convergência entre as teorias, a pesquisadora apresenta outra característica equivalente: o fenômeno linguístico é analisado em uma situação interativa de uso real.

O princípio do uniformitarismo também suscita uma discussão a respeito da interface entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-Americano. Segundo Labov (2008 [1972]), a doutrina uniformitarista consiste na crença de que “os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em larga escala do passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem à nossa volta” (LABOV, (2008 [1972], p. 192). Tavares (2003) salienta que esse princípio é, também, abordado nos estudos de gramaticalização por Hopper e Traugott (1993).

Outro ponto conciliável entre as teorias, apresentado por Tavares (2003), é o fato dos dados sincrônicos e diacrônicos não serem tomados de maneira indissociáveis no estudo linguístico.

Esse novo olhar gerado, o Sociofuncionalismo, nascido do hibridismo entre os postulados da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo

Norte-Americano, é constituído do resultado de muita conversa. Há o reconhecimento de que alguns postulados entre as teorias não são passíveis de conciliação. Nessa situação, como bem expressa Tavares (2003), ocorrerá um processo de negociação e interpretação entre os postulados teórico-metodológicos divergentes até se tecer um diálogo possível e compreensível, no qual cada um terá clareza do seu lugar, ou seja, da diferença existente em relação ao outro, para, por fim, o casamento ser constituído de fato.

5 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, tratamos das etapas desenvolvidas na pesquisa. A amostra foi extraída do banco de dados organizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo - CNPq⁵. Os dados foram constituídos por 24 (vinte e quatro) informantes, estratificados da seguinte forma: sexo (masculino/feminino), faixa etária (faixa I: de 15 a 35 anos; faixa II: de 36 a 70 anos; faixa III com mais de 70 anos de idade) e grau de escolaridade (sem escolaridade ou até 5 anos de escolarização). Para a análise dos dados, recorreremos ao programa de análise estatística *Goldvarb X*.

Para constituição do *Corpus*, seguimos a orientação de coleta da fala espontânea através de entrevistas segundo a Tradição Sociolinguística Variacionista. Com relação às variáveis controladas para análise dos dados, elegemos as seguintes variáveis linguísticas: (i) *tipo de oração*; (ii) *a variável modalidade na oração matriz*; (iii) *a variável tipo de verbo da oração matriz*; (iv) *a variável estrutura da assertividade da oração*; (v) *a variável tempo verbal da oração principal*; (vi) *a variável tempo verbal da oração completiva*; (vii) *a variável pessoa do verbo da oração matriz*.

E, compreendendo a importância de inserir o espectro da variável social em uma pesquisa, buscando, assim, resposta da sua influência em uma dada variação linguística ou caso de estratificação, já que se entende que a heterogeneidade na língua é, também, condicionada pelo fator social, pois as línguas são expressão das culturas em que os falantes estão inseridos, selecionamos, também, variáveis extralinguísticas. São elas: (i) *a variável sexo*; (ii) *a variável faixa etária*; (iii) *a variável nível de escolaridade*.

⁵ O Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e o Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq são conhecidos/chamados, também, de Grupo de pesquisa Janus. O grupo Janus é coordenado pelos professores Dra. Valéria Viana Sousa e Dr. Jorge Augusto Alves da Silva. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE (cadastro de número 34221214.9.0000.00552).

6 Análise dos dados

Nesta seção, descrevemos, analisamos e discutimos os resultados da pesquisa referente à amostra de fala do *Corpus* PPVC.

6.1 Resultados Gerais

Após a rodada geral dos dados no *GoldVarb X*, na qual reunimos os dois contextos de análise - orações subordinadas substantivas e orações parentéticas - o programa estatístico selecionou os seguintes grupos de fatores por ordem de significância: (1) *tipo de oração*; (2) *estrutura de assertividade da oração*; (3) *tipo de verbo da oração matriz*; (4) *nível de escolaridade*.

Na nossa amostra, tivemos um total de 100 (cem) ocorrências com os seguintes percentuais discriminados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1. Modo indicativo x modo subjuntivo

Formas	
Subjuntivo	56 (56%)
Indicativo	44 (44%)
Total	100

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados evidenciados mostram um registro de 56 (cinquenta e seis) ocorrências de formas do subjuntivo, equivalendo a 56%, e 44 (quarenta e quatro) ocorrências da forma inovadora, perfazendo 44%. Observemos o exemplo a seguir:

(5) Ele disse: “[...] eles não qué que eu BANHE aqui no corgo. Qué que eu VÔ...VÔ pá casa de seu Hercilo ou pá casa de Amorim.” (E.L.C).

Nesse dado de fala, o uso da forma indicativa, na segunda estrutura de complementação, constitui uma espécie de estratificação do subjuntivo, em termos funcionalistas ou de variação do modo subjuntivo, em termos da Sociolinguística. O que podemos observar, nessa amostra de fala, é que, na segunda oração completiva, o uso da forma indicativa não evidencia um fato real, conforme dita os compêndios gramaticais, mas retém o valor de incerteza mesmo sem o uso do modo subjuntivo.

Assim, o uso do subjuntivo para expressar noções de desejo ou incerteza é tão usual e previsível entre os falantes que faz com que essa forma linguística perca sua motivação original no processo comunicativo.

Na coexistência de formas indicativas e subjuntivas, em um mesmo domínio funcional, dizemos que, na convivência entre camadas mais novas -

formas do indicativo - e mais velhas - formas do subjuntivo, estas, quando usadas com muita frequência, perdem sua força expressiva. É importante pontuar que a nova camada - forma indicativa - não ocasiona, necessariamente, a extinção da forma original - forma subjuntiva. E, para compreendermos os estágios de gramaticalização que o modo subjuntivo pode percorrer, acionados os princípios de estratificação, divergência e persistência estabelecidos por Hopper (1991).

O princípio da estratificação se sucederia da seguinte forma: em um mesmo domínio funcional, o uso da forma do indicativo emerge como uma nova camada que tem a função desempenhada pela forma original - a forma subjuntiva, como podem ser observados nos excertos de fala a seguir:

(6) [...] aí ele falou bem assim: 'Tu quer [nem] que eu VÁ arrumar pra tu?' [...] (E.S.P)

(7) [...] ele falou assim: "Quer que eu VÔ com você?" (E.F.O)

Nos exemplos (6) e em (7), notamos que o verbo "ir" mantém o mesmo valor nocional de incerteza mesmo com o uso do modo indicativo. Essa nova camada pode passar pelo processo de gramaticalização, porém a sua forma original (**vá**) pode permanecer na língua como um item autônomo, processo denominado por Hopper (1991) de divergência. E, se o valor de subjuntivo se mantém, mesmo que o uso seja da forma indicativa, o processo é caracterizado como princípio da persistência.

Sabemos que essa variação/estratificação ocorre porque o contexto comunicativo pressiona o sistema linguístico em virtude de uma necessidade de uso. Consequentemente, isso gera uma contínua remodelação ou reorganização das estruturas linguísticas, e esses princípios estabelecidos por Hopper (1991) vêm trazer à luz a visão da gramática emergente, esclarecendo, assim, como esses processos e estágios da gramaticalização podem ser compreendidos.

6.1.1 Análise das variáveis estruturais na rodada geral

Nesta subseção, evidenciaremos os resultados estatísticos da rodada geral no que tange aos valores das variáveis estruturais elencadas no início da subseção *Resultados Gerais*. Passemos, então, à análise do tipo de oração.

6.1.1.1 Análise da variável tipo de oração

O primeiro grupo de fator selecionado pelo programa *Goldvarb X* como estatisticamente mais relevante foi a variável *tipo de oração*, cujos valores exibimos na Tabela 2:

Tabela 2. Atuação da variável tipo de oração na variação do subjuntivo

Tipo de Oração	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Oração Subordinada	54	62%	.625	33	38%	.375
Oração Parentética	2	15%	.032	11	85%	.968
Total	56			44		-
Significância	Input					
0.019	0.507					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados exibidos na Tabela 2 demonstram que o contexto sintático de oração parentética evidencia um baixo índice de emprego do subjuntivo com o percentual de 15% e peso relativo de .032. Já no tipo de oração completiva, houve um índice elevado de uso do subjuntivo com um total de 62% e peso relativo de .625.

6.1.1.2 Análise da variável tipo de verbo da oração matriz

Na rodada geral, a variável *tipo de verbo da oração matriz* foi a 3ª selecionada em nível de significância. Em relação a essa variável, levantamos a hipótese de que a escolha do modo verbal (subjuntivo/indicativo), na oração subordinada, seria condicionada pelo tipo de verbo da oração nuclear. Com esse grupo de fatores, pretendíamos, por meio dos valores semânticos dos verbos volitivos, cognitivos, existencial e outros (*ser, ir*), averiguar em qual categoria de verbo emprega-se mais a forma subjuntiva. O resultado probabilístico desse grupo de fator está discriminado na Tabela 3:

Tabela 3. Atuação da variável tipo de verbo da oração matriz na variação do subjuntivo

Tipo de verbo na matriz	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Volitivo	32	65	.557	17	35	.443
Existencial	2	67	.510	1	33	.490
Outros	2	50	.466	2	50	.534
Cognitivo	9	41	.381	13	59	.619
Total	45			33		
Significância	Input					
0.019	0.507					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os nossos dados evidenciam que o uso do subjuntivo é favorecido sob o escopo de verbos volitivos com percentual de 65% e peso relativo de .557. Os verbos existenciais apresentam o percentual de 67% e peso relativo

de .510. Referente à categoria dos verbos cognitivos e outros (ser, ir), apresentaram-se menos produtivos, desfavorecendo, então, o emprego do modo subjuntivo.

6.1.1.3 Análise da variável estrutura da assertividade da oração

O programa *GoldvarbX* selecionou o grupo de fatores *assertividade da oração* como o 2º em nível de significância. A seguir, na Tabela 4, mostramos a distribuição probabilística desse grupo de fatores.

Tabela 4. Atuação da variável estrutura da assertividade da oração na variação do subjuntivo

FATORES	MODO VERBAL					
	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Afirmção na matriz e na oração completiva	49	71	.546	20	29	.454
Que eu (lembre)	2	29	.659	5	71	.341
Negação na matriz e afirmação na completiva	3	43	.294	4	57	.706
Afirmção com negação na oração completiva	2	29	.168	5	71	.832
Total	56			34		
Significância	Input					
0.019	0.507					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os nossos dados revelam que a cláusula que integra o operador de negação não favoreceu a aquisição de formas do subjuntivo, como havíamos aventado, com o peso relativo de .294 para o fator *Negação na matriz e afirmação na completiva* e, no fator *Afirmção com negação na oração completiva*, com o peso relativo de .168.

Os três dados obtidos para o fator *negação na matriz e afirmação na completiva* com uso do subjuntivo estão instaurados no tipo de oração completiva. Vejamos os exemplos:

- (8) [...] ela não queria que a gente FOSSE [...] (S.J.S)
 (9) [...] eu só não quero que FIQUE vagabundo. (E.S.P)
 (10) Ele disse: E é mui... eles não quê0 que eu BANHE aqui no colo. (E.L.C)

Contrariamente ao que havíamos pressuposto, as asserções afirmativas mostram-se como favorecedoras do uso do subjuntivo com os seguintes resultados: (i) no fator *Afirmção na matriz e na oração completiva*, houve uma produtividade de 71% de formas do subjuntivo e peso relativo de .546;

(ii) no fator *Que eu (lembre)*, com um total de 29%, também, há um favorecimento do uso do subjuntivo, com o peso relativo de .659.

6.1.2 Análise da variável extralinguística

Nesta subseção, apresentamos os resultados da análise dos dados, levando em consideração a variável extralinguística *nível de escolaridade* na rodada geral dos dados.

6.1.2.1 Análise da variável nível de escolaridade

O grupo de fatores *nível de escolaridade* tem sido testado pelos pesquisadores a fim de averiguar a influência dessa variável no comportamento do falante no que alude o uso ou não uso da variante padrão. A seguir, na Tabela 5, exibimos os resultados da atuação dessa variável na variação do subjuntivo:

Tabela 5. Atuação da variável nível de escolaridade na variação do subjuntivo

MODO VERBAL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE					
	Até 5 anos de escolarização			Sem escolaridade		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Subjuntivo	45	58	528	11	50	403
Indicativo	33	42	472	11	50	597
Total	78			22		
Significância	input					
0.008	0.566					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os nossos dados demonstram uma leve tendência dos falantes que tiveram acesso ao ensino sistematizado produzirem, em maior índice, o emprego da forma prestigiada (58%), embora, em termos probabilísticos, os falantes categorizados em até cinco anos de escolarização tenham uma realização de uso do subjuntivo que atinja uma zona de neutralidade estatisticamente (P.R. .528). Por outro lado, esse percentual decresce com os informantes que não tiveram acesso ao ensino letrado (50% e P.R. de 403).

6.2 Análise das variáveis linguísticas em contexto de completiva

Nesta subseção, analisamos a variação do modo subjuntivo em contexto sintático de completiva. Primeiro, discutimos os resultados da

amostra, levando em consideração as variáveis linguísticas. Em seguida, prosseguimos com a análise do ponto de vista das variáveis sociais.

6.2.1 Análise das variáveis linguísticas em contexto de completiva

O programa selecionou como estatisticamente relevantes as variáveis *estrutura da assertividade da oração*, *tipo de verbo da oração matriz* e *nível de escolaridade*. O resultado percentual do total de 87 (oitenta e sete) ocorrências em contexto sintático de oração subordinada substantiva encontra-se na Tabela 6, a seguir:

Tabela 6. Modo indicativo x modo subjuntivo

Formas	
Subjuntivo	54 (62%)
Indicativo	33 (38%)
Total	87

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados evidenciados na Tabela 6 demonstram um percentual de 62% do uso do subjuntivo e 38% da forma indicativa.

A seguir, analisamos a variação do subjuntivo, levando em consideração o *tipo de verbo da oração matriz*.

6.2.1.1 Análise da variável tipo de verbo da oração matriz em contexto de completiva

Levantamos a hipótese de que o valor semântico da oração matriz exerce uma força entre a integração das cláusulas. O resultado probabilístico desse grupo de fatores está discriminado na Tabela 7:

Tabela 7. Atuação da variável tipo de verbo da oração matriz em contexto de completiva

Tipo de verbo na matriz	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R	Nº	%	PR
Volitivo	32	65	.562	17	35	.438
Existencial	2	67	.514	1	33	.486
Outros	2	67	.514	1	33	.486
Cognitivo	9	39	.367	14	61	.633
Total	45			33		
Significância	Input					
0.008	0.613					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os nossos dados revelam que o emprego do modo subjuntivo é favorecido pelo tipo de verbo volitivo, com índice percentual de 65% e peso relativo de .562. Os verbos existenciais apresentam um percentual de 67% e peso relativo de .514. Outros verbos (*ser, ir*), também, apresentam um percentual de 67% e peso relativo de .514. O uso do subjuntivo é desfavorecido sob escopo dos verbos cognitivos, com percentual de 39% e peso relativo de .367.

O resultado demonstrado pelo grupo de fatores *tipo de verbo na matriz* testifica a nossa hipótese de que o valor semântico do verbo da oração principal exerce influência na escolha do modo verbal na oração subordinada. Na próxima subseção, analisamos a covariação entre os modos subjuntivo e indicativo no grupo de fatores *estrutura da assertividade da oração*.

6.2.1.2 Análise da variável estrutura da assertividade da oração em contexto de completiva

Levantamos a hipótese de que o operador de negação nas sentenças influenciaria na aquisição de formas do subjuntivo na oração encaixada. Os resultados evidenciados na Tabela 8, no entanto, levam-nos, no entanto, a outra direção.

Tabela 8. Atuação da variável estrutura da assertividade da oração em contexto de completiva

ASSERTIVIDADE DA ORAÇÃO	MODO VERBAL					
	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Afirmação na matriz e na oração completiva	49	71	.565	20	29	.435
Negação na matriz e afirmação na completiva	3	38	.277	5	62	.723
Afirmação com negação na oração completiva	2	29	.185	5	71	.815
Total	54			30		
Significância	Input					
0.008	0.613					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os nossos dados demonstram que o operador de negação não favorece o emprego de formas do subjuntivo: (i) no fator *Negação na matriz e afirmação na completiva*, temos o índice percentual de 38% e peso relativo de .277; (ii) no fator *Afirmação com negação na oração completiva* apresenta-se com o índice percentual de 29% e peso relativo de .185.

Vimos, na rodada conjunta (contexto de completiva e contexto de parentética), que, no grupo *assertividade da oração*, as asserções afirmativas favoreceram o uso do subjuntivo e que, no fator *afirmação na matriz e na oração completiva*, esse condicionamento tinha uma relação com o tipo de verbo da

oração matriz. Aqui, reforçamos esses resultados: das 49 (quarenta e nove) ocorrências no fator *afirmação na matriz e na oração completiva*, 28 (vinte e oito) são construções afirmativas com uso de verbo volitivo na matriz, o que equivale a 57% de uso da forma do subjuntivo.

6.2.2 Análise da variável extralinguística em contexto de completiva

Apresentamos, nesta seção, os resultados da variável *nível de escolaridade* em contexto sintático de oração completiva.

6.2.2.1 Análise da variável nível de escolaridade em contexto de completiva

O universo escolar tem o papel de preservar a língua padrão, por isso acreditamos que o indivíduo que teve contato com algum nível de instrução tenda a utilizar mais a forma de prestígio. Vejamos esses resultados distribuídos na Tabela 9.

Tabela 9. Atuação da variável nível de escolaridade em contexto de completiva

MODO VERBAL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE					
	Até 5 anos de escolarização			Sem escolaridade		
	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Subjuntivo	28	61	.573	11	55	.336
Indicativo	18	39	.427	9	45	.664
Total	46			20		
Significância	<i>input</i>					
0.001	0.528					

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nossos dados reforçam o que foi evidenciado na rodada conjunta, cujo registro fizemos na subseção 6.1.2.1, sendo o ensino sistematizado uma influência para o uso da forma padrão (61% e P.R. .573). Com esses resultados, nossa hipótese de que os falantes que foram inseridos no universo escolar, e tiveram contato com a aprendizagem formal, ainda que precária, produziram em maior índice formas do subjuntivo foi atestada na rodada em contexto sintático de oração subordinada substantiva.

6.3 Análise da variação do subjuntivo em contexto de oração parentética

Nesta seção, analisamos a variação do subjuntivo em contexto sintático de oração parentética. O número de ocorrências nesse contexto

apresentou-se de uma forma reduzida, por isso optamos em não submeter ao sistema analítico.

A Tabela 10 apresenta os resultados percentuais da covariação entre as formas indicativas e subjuntivas do modo subjuntivo nas orações parentéticas.

Tabela 10. Variação do subjuntivo em contexto de parentética

Formas	
Subjuntivo	2 (15%)
Indicativo	11 (85%)
Total	13

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados exibidos na Tabela 10 demonstram um alto índice percentual do indicativo (85%) enquanto o subjuntivo teve uma produtividade de apenas 15%. Na próxima seção, apresentamos os resultados da variação do subjuntivo a partir da variável estrutura da assertividade da oração.

6.3.1 Análise da variável estrutura da assertividade da oração em contexto de parentética

Na rodada reunindo os contextos sintáticos de orações completivas e parentéticas, o escopo da negação não foi um fator que condicionou o uso do subjuntivo. Na rodada em contexto de completiva, também, mostrou-se sem significância. E, no contexto de parentética, do mesmo modo, esse fator não exerce influência no uso desse modo verbal, como podemos observar na Tabela 11.

Tabela 11. Atuação da variável estrutura da assertividade em contexto de parentética

Assertividade da oração	MODO VERBAL			
	Subjuntivo		Indicativo	
	Nº	%	Nº	%
Que eu (lembre)	2	29	5	
(não) que (não)	-	-	6	71
Total	2		11	100

Na Tabela 11, podemos depreender que as asserções negativas não favorecem as formas do subjuntivo. Nas sentenças com o fator *(não) que (não)*, houve o uso categórico do indicativo.

Apesar de o número de dados de fala ter sido considerável, observamos algumas características, na nossa amostra, que são semelhantes às encontradas na pesquisa de Pimpão (2012), a saber: (i) expressão da subjetividade por parte do falante; (ii) caracterização realizada pelo uso do verbo *lembrar*; (iii) uso da primeira pessoa do singular. Pontuamos que, na pesquisa de Pimpão (2012), acentuaram-se, além do verbo *lembrar*, os verbos *saber* e *conhecer*.

Frisamos que, no contexto sintático de parentética, destacou-se o uso do presente do indicativo. De forma contrária, Pimpão (2012) registra, na sua pesquisa, uma alta frequência do presente do subjuntivo.

Os nossos dados revelam que a oração intercalada é uma estratégia utilizada pelo interlocutor para relativizar o conteúdo veiculado. Dessa forma, o seu discurso não é considerado de forma categórica. Como estão nas grandes lições funcionalistas, são recursos que os falantes buscam para se expressar, e, nessa procura por uma melhor interação na comunicação, encontramos as formas indicativas e subjuntivas em plena competição.

7 Conclusão

A questão central deste artigo foi analisar a variação do modo subjuntivo em dados de fala no *Corpus* PPVC em orações completivas com o complementizador *que* e em orações parentéticas introduzidas pelo *que*. Para tanto, inicialmente, situamo-nos diante do fenômeno, apresentando a visão estabelecida pela Tradição Gramatical do modo subjuntivo.

Nesta pesquisa, utilizamos do aporte do Sociofuncionalismo, integrando os seguintes pressupostos: na perspectiva funcionalista, três dos cinco princípios de gramaticalização estabelecidos por Hopper (1991): estratificação, divergência e persistência; e a modalidade na visão givoniana. Na visão Sociolinguística, no estudo quantitativo, nossa análise se centrou na correlação dos fatores de ordem linguística (a variável *tipo de oração*; a variável *tipo de verbo da oração matriz* e a variável *estrutura da assertividade da oração*) e em fatores de ordem extralinguística (variável *nível de escolaridade*).

Vimos que o modo subjuntivo no *Corpus* PPVC é comumente utilizado em contexto *irrealis*, no qual se evidencia que um fato é tido como incerto ou desejável (modalidade epistêmica e modalidade deôntica).

O processo de gramaticalização do subjuntivo pode ser compreendido a partir de alguns princípios estabelecidos por Hopper (1991): no princípio da estratificação, em um mesmo domínio funcional, a forma indicativa emerge como uma nova camada exercendo função similar à da forma subjuntiva que é considerada a mais antiga nos ambientes sintático-semânticos sob controle, quais sejam orações completivas e parentéticas. No princípio da divergência, a coexistência das formas que são etimologicamente iguais é funcionalmente diferente, ou seja, divergente. No nosso fenômeno linguístico, pensamos na divergência como o processo de gramaticalização do

indicativo com valor semântico de subjuntivo, mas com a permanência na língua da sua forma original, exercendo também o valor semântico de certeza. Já no princípio da persistência, o valor inerente do subjuntivo se mantém ainda que no processo de alternância, a forma usada seja a indicativa.

Em relação aos resultados quantitativos, do ponto de vista linguístico, na rodada geral, considerando os dados em conjunto das orações completivas e parentéticas, no grupo de fator *tipo de oração*, as orações subordinadas substantivas mostraram-se um contexto favorecedor do uso do subjuntivo em relação às orações parentéticas.

Nos demais resultados relacionados à rodada geral e em contexto de completiva, na variável *tipo de verbo da oração matriz*, os verbos volitivos favoreceram o uso do subjuntivo sendo essa categoria de verbo a mais produtiva nas duas amostras analisadas (rodada geral dos dados e em contexto de completiva). De fato, o verbo da oração matriz exerce influência na integração das cláusulas – matriz/encaixada, condicionando, assim, o uso do subjuntivo na estrutura de complementação.

Concernente à variável *estrutura da assertividade da oração*, o escopo da negação nas cláusulas não condicionou o uso do subjuntivo. Diferentemente, foram nas orações afirmativas que se concentrou o maior uso das formas desse modo verbal. Em contexto de completiva, esse fato tem uma relação com a presença de verbos volitivos na oração matriz, influenciando, dessa maneira, a seleção do subjuntivo na oração encaixada.

No que alude às variáveis extralinguísticas, os resultados foram semelhantes na rodada geral e no contexto de completiva. Concernente à variável nível de escolaridade, selecionada pelo programa estatístico, o nosso estudo revelou que os informantes que tiveram acesso ao ensino sistematizado utilizaram mais a forma do subjuntivo do que aqueles sem escolaridade.

No contexto de oração intercalada, o uso da forma indicativa apresentou-se em um índice percentual elevado e o escopo da negação não influenciou na aquisição da forma do subjuntivo. Em termos gerais, as orações parentéticas apresentaram algumas características peculiares como o uso do presente, o uso da primeira pessoa do singular e o emprego categórico do verbo *lembrar* nas cláusulas.

Em linhas gerais, levando em conta os fatores estruturais e sociais no estudo do subjuntivo, o resultado desta pesquisa de natureza sociofuncionalista, indica, do ponto de vista da Sociolinguística Variacionista, uma variação estável e, do ponto de vista do Funcionalismo Norte-Americano, encontra respaldo no processo de gramaticalização, tendo em vista que, conforme citado anteriormente, esse processo pode ser compreendido a partir dos princípios da estratificação, da persistência e da divergência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALVES NETA, Ana. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. Estudos linguísticos XXXV, p.258-267, 2006.
- ALVES, Rosana Ferreira. **A expressão de Modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade**. Tese de Doutorado, UNICAMP, São Paulo, 2009.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BIANCHET, S.M.G.B. **Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: um volta ao latim**. Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 1996.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**; tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. Tese de Doutorado, Fortaleza, 2007.
- CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Eduardo Mário (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. O emprego do subjuntivo e de formas alternativas na fala culta. In: PRETI, Dino. **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. Humanistas FFLCH: USP, 1999.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax a funcional: typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GIVÓN, Talmy. **Compreendendo a gramática**. Natal: EDUFRN, 2011.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

KURY, Adriano da Gama. **Pequena gramática**: para a explicação da nova nomenclatura gramatical. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, Joana Angélica Santos. **O presente do subjuntivo na fala de Salvador**: um estudo variacionista. Dissertação (Mestrado). UFMG, Belo Horizonte, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MEIRA, Vivian. **O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. Dissertação (Mestrado em linguística). UFBA, Salvador, 2006.

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Editora Caminho, SA, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura Neves. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 3. ed. São Paulo Ática, 1998.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo**: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. Tese (doutorado). UFSC, Florianópolis, 2012.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows.2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8.ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo funcionalista**. Tese (doutorado)- UFSC, Florianópolis, 2003.

VIEIRA, Marta Mara Munguba. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá**. Dissertação (Mestrado). UFRN, Natal, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Recebido em 2 de março de 2021

Aceito em 17 de junho de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Vania Raquel Santos Amorim é doutoranda (2019) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e Mestre em Linguística (2015) pela mesma instituição (PPGLin). É membro do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo e em Linguística Histórica (CNPQ). Bolsista CAPES. É pesquisadora na área da Linguística, com ênfase na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

E-mail: quelva@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4339-6768>

Valéria Viana Sousa é doutora em Letras (2008) (Língua Portuguesa e Linguística) pela Universidade Federal da Paraíba - (UFPB). É professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - DELL – UESB e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin)/ Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/CAPES). Líder do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo e em Linguística Histórica - CNPQ. É pesquisadora na área de Linguística, com ênfase na Sociolinguística, Funcionalismo, Sociofuncionalismo, Gramaticalização e na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Coordena o projeto de pesquisa “Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Funcionalista a partir

da descrição e análise de corpus da comunidade de fala de Vitória da Conquista”.

E-mail: valeriavianasousa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>